

Sucesso no tratamento da pitiose equina com triancinolona e iodeto de potássio: relato de cinco casos

Paula Alessandra Di Filippo*, Veronica Vieira, Gabriel Carvalho Santos, Gabriela Bravim Lemos, Italo S Coutinho

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goitacazes, RJ, Brasil

*Autor correspondente
e-mail: paula_difilippo@yahoo.com.br

Resumo

A pitiose é uma doença causada pelo fungo *Pythium insidiosum*, que acomete bovinos, ovinos, caprinos e também equinos, originando lesões que normalmente se restringem à pele e tecidos subcutâneos. A maior prevalência da doença coincide com períodos de chuvas intensas e temperaturas altas, evidenciando a relação do agente etiológico com os meses da primavera e verão. O pitium é um microorganismo aquático, que se caracteriza pela formação de zoósporos, biflagelados, procedentes de esporângios filamentosos, que são a forma de propagação do agente. Em geral, os zoósporos se instalam no tecido subcutâneo gerando lesões ulceradas, com superfície irregular e secreção viscosa serosanguinolenta. A ferida contém numerosos focos necróticos com aspecto arenoso e coloração que varia entre o amarelo e o cinza, denominados *kunkers*. A pitiose acomete animais de diferentes faixas etárias e as lesões localizam-se principalmente na porção distal dos membros, região ventral do abdômen e tórax, em virtude do contato frequente dessas regiões com a água contaminada. No ano de 2016, cinco cavalos encaminhados ao Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro –HVET/UENF foram diagnosticados com pitiose. Uma fêmea equina, sem raça definida, com 8 anos de idade, apresentava uma lesão de aproximadamente 30 cm de diâmetro na região ventral do abdômen. A lesão havia surgido há menos de 30 dias. O segundo e terceiro casos referem-se a duas fêmeas equinas com 7 e 10 anos de idade, respectivamente. Ambas não possuíam raça definida e apresentavam uma única lesão sobre o metatarso. As lesões possuíam aproximadamente 15 cm de diâmetro e 60 dias de evolução. O quarto animal era uma potra Quarto de Milha com 4 meses de idade; a ferida com 10cm de diâmetro localizava-se no membro pélvico esquerdo e havia surgido há 40 dias. O quinto caso tratava-se de um equino, sem raça definida, com 5 anos de idade, que apresentava uma lesão de 10 cm de diâmetro sobre o metacarpo direito, surgida há 20 dias. Todos os animais tinham acesso a áreas alagadas. As feridas possuíam superfície ulcerada, com presença de secreção sero-sanguinolenta, aspecto



granulomatoso, odor característico e presença de *kunkers*. A suspeita clínica de pitiose foi confirmada através do exame histopatológico (hematoxilina-eosina). O tratamento instituído em todos os cinco casos constou na administração de acetona de triancinolona (25 mg/kg, IM, SID, 3 aplicações com o intervalo de 7 dias) e iodeto de potássio (10g/animal, VO /SID, por 15dias). Nenhum dos animais foi submetido à exérese cirúrgica das lesões cutâneas e todos apresentaram remissão total da afecção após uso do referido protocolo. O sucesso no tratamento da pitiose é influenciado pelo tamanho, tempo e local das lesões, e também pela idade e estado fisiológico do animal. Inúmeros tratamentos têm sido utilizados, no entanto o sucesso na maioria destes é associado à ampla exérese cirúrgica da ferida, o que pode ser dificultado na dependência da localização/extensão destas. O tratamento em tela apresentou 100% de eficácia, sem que houvesse a necessidade de intervenção cirúrgica e/ou repetição do protocolo. Assim sendo, deve ser considerado como boa alternativa no tratamento da pitiose equina.

Palavras-chave: Oomicetos. Zigomicose. Ferida da moda.